

AS IGREJAS ZIONE E A COOPERAÇÃO COMUNITÁRIA NO PROCESSO DE GUERRA E PÓS-GUERRA EM MOÇAMBIQUE:

Um estudo de caso no Distrito de Homoíne, 1980 - 2003

Jonas Mahumane

Centro de Estudos Africanos - UEM

Jonasmahumane@yahoo.com.br

I. Introdução

II. As Igrejas Zione em Moçambique

II.1 As Igrejas Zione em Inhambane e Homoíne

II.2. As Igrejas Zione e as Estruturas Locais

III. As Igrejas Zione e a Cooperação Comunitária

III.1 Os Mecanismos Comunitários de Cooperação e Interajuda

V. Conclusões

I. INTRODUÇÃO

A guerra entre a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) desestabilizou o tecido social e humano e contribuiu

em parte para aumentar as injustiças e desigualdades sociais em Moçambique. Esta situação foi agravada pelos processos de transição e pelo impacto das políticas de globalização em curso.

No âmbito desta conjuntura, a presente comunicação pretende fazer uma abordagem sociológica sobre o papel assumido pelas instituições religiosas destacando a forma como as igrejas Zione se envolveram na procura de soluções ou mitigação das carências sociais e económicas das populações em Moçambique. Faz-se uma análise dos problemas enfrentados no pós - independência, como a adopção de políticas socialistas, a eclosão da guerra e o liberalismo vigente e a consequente desorganização do Estado devido a crise social e económica nos anos 80 e 90.[1] Nesta base, considera-se o envolvimento das igrejas Zione na procura de soluções para os problemas que afligem a sociedade, como parte de um conjunto de estratégias adoptadas pelas populações para fazer face aos efeitos da guerra e combater a exclusão social e económica crescente em Moçambique. Esse envolvimento é simbolizado sobretudo pela capacidade que as igrejas Zione têm de criar e desenvolver formas e mecanismos endógenos de cooperação e solidariedade como resposta às dificuldades sociais e económicas das populações.

Este estudo fundamenta-se em fontes secundárias, entrevistas semi - estruturadas realizadas no Distrito de Homoine, Província de Inhambane, no Sul de Moçambique. Recorre também a avaliação dos dados colectados na observação indirecta feita durante o processo de pesquisa.

Depois da contextualização do problema, a pesquisa descreve no primeiro capítulo, o processo de surgimento e expansão das igrejas Zione em Moçambique, em particular na Província Sul de Inhambane. No segundo capítulo, analisam-se as relações entre as igrejas Zione e a comunidade e tenta determinar o seu lugar no conjunto de mecanismos comunitários de cooperação e e solidariedade.

II. AS IGREJAS ZIONE EM MOÇAMBIQUE[2]

As igrejas Zione, regra geral são integradas no conjunto dos movimentos protestantes evangélicos cuja principal característica é a conversão pessoal, a salvação pela fé, o sacrifício de Cristo e a importância da verdade das escrituras.[3] Em Moçambique o movimento evangélico é consequência indirecta da penetração das Igrejas Missionárias Protestantes e posteriores processos de cisão no seu seio, por volta do século XIX e das influências culturais decorrentes do processo de migração de muitos moçambicanos para os países vizinhos, em particular para a África do Sul, onde ao regressarem para a sua terra natal, trazem consigo a experiência religiosa destes países.[4]

No período colonial, o movimento evangélico encontrou muitas dificuldades no seu processo de estabelecimento e expansão, devido à hostilidade do poder colonial, que tentou impor através da igreja Católica uma certa normalização religiosa, o que marginalizou as igrejas protestantes, em particular às evangélicas.[5]

Com a independência, o movimento evangélico continuou a sofrer as mesmas dificuldades, pois era acusado de ligações e compromissos com o regime colonial e o imperialismo em geral, durante a fase de transição.[6] O governo da Frelimo rejeitou igualmente as práticas e costumes ligados ao culto dos antepassados, possessões espirituais e outras manifestações religiosas considerando-as obscurantistas e supersticiosas. No entanto, a crise provocada pela violência da guerra e dificuldades sócio - económicas ao longo dos anos 80, obrigou as autoridades a estabelecer uma aliança com novos parceiros entre os quais a igreja, para fazer face à crise que afectava o país.[7]

É neste âmbito de busca de soluções e de novas parcerias que vemos a adesão e o crescimento de instituições religiosas como as igrejas Zione, já que estas foram capazes de criar ou estimular um sistema de reciprocidade e solidariedade entre os seus membros. Estes membros são na sua maior parte, pessoas com baixo nível de escolarização, carentes, gente sem um emprego formal e com dificuldades de acesso aos serviços sociais básicos.[8]

II.1. As Igrejas Zione em Inhambane e Homoíne

A Zona Sul de Moçambique acolheu os primeiros movimentos evangélicos, em particular a Província de Inhambane. É nesta que se formou o primeiro movimento protestante independentista, quando em 1918 Muti Monene Sicobele fundou a Igreja Episcopal Luso-Africana de Moçambique.[9] De acordo com Rafael Jassone[10], em Inhambane havia por volta de 1956 na zona de Vilanculos e Mabote igrejas Zione tendo como Pastores Samuel Massinga e Chicote Mabote, respectivamente.[11]

No distrito de Homoíne, a penetração das igrejas Zione também é referida como resultado do processo de migração para os países vizinhos. É difícil a partir das entrevistas realizadas e das fontes disponíveis deduzir a data de surgimento destas igrejas no distrito. Mas, é possível traçar as suas origens nas décadas 40 e 50 do século passado.

Os depoimentos recolhidos no terreno sugerem a localidade de Chindjinguir como o centro que acolheu as primeiras Igrejas Zione em Homoíne. A presença das igrejas Zione neste distrito foi marcado pela forte ligação ao seu fundador ou evangelizador, sobretudo ao seu carisma, característica do movimento zione na África Austral. Só numa fase posterior do seu estabelecimento é que houve uma certa coordenação entre as diversas igrejas Zione que existiam no distrito. Esta situação pode ser ilustrada pelo testemunho que segue:

“... Só mais tarde quando veio um senhor chamado Xavier Boca que trabalhava na África do Sul e rezava numa igreja Zione daquele país é que se propôs a união de todas as igrejas Zione existentes no distrito, em 1968. Uniram-se as igrejas Zione que haviam em Massuori e Nguilaze e deu-se o nome de Igreja Zione União Sião Apostólica de Moçambique, com sede em Nguilaze, zona que ficou conhecida popularmente com o nome de mazionine por ter se construído a sede na qual todos os domingos nos reuníamos.”[12].

Dados obtidos na Secção dos Registos e Notariados do distrito de Homoine, mostram que na altura da pesquisa, existia cerca de nove igrejas Zione registadas no Departamento dos Assuntos Religiosos em Maputo. Paralelamente, existiam muitas outras não registadas, mas que exerciam as suas actividades religiosas na mesma área geográfica.

A maior parte destas igrejas foram recriadas nos anos 1983/4[13], altura em que a guerra entre o governo e a Renamo já se fazia sentir no distrito e os efeitos da seca de 1981/3 agravavam os problemas de assistência, obrigando as populações a refugiarem-se nas vilas e nas aldeias comunais, o que de certa forma facilitou o contacto com as igrejas Zione existentes na vila e nas sedes de localidades do distrito, onde as condições de segurança eram satisfatórias.[14] São estas pessoas que com o fim da guerra, levam o evangelho Zione para as suas regiões de origem.

Não existe, no entanto, uma estatística oficial sobre o número de filiados das igrejas Zione no distrito[15]. Todavia, o levantamento feito durante o nosso trabalho de campo, leva-nos a concluir que a Igreja Zione Nosso Pai Celestial de Moçambique, com sede em Marrengo e a Igreja Zione União Sião Apostólica de Moçambique com sede em Maputo, estão representadas em todo o distrito, pois têm em cada localidade no mínimo uma paróquia e um responsável (Superintendente).

II.2. As Igrejas Zione e as Estruturas Locais

Abordar o poder político nas comunidades africanas, em particular, nas comunidades rurais é um problema bastante complexo, sobretudo porque este poder identifica-se muito com os laços de parentesco e manifestações religiosas.

Em Moçambique a estratégia política adoptada pelo governo no pós-independência implicou a destruição das chamadas autoridades tradicionais e certas manifestações religiosas, que eram muitas vezes o elo de ligação entre a população local e os seus antepassados. Porém, o papel das autoridades tradicionais como repositórios de conhecimentos sobre cerimónias locais não desapareceu, o que sugere um papel fundamental das ideologias tradicionais e religiosas na vida da população.

As igrejas Zione, aparentemente não se envolvem em actividades políticas, mas as observações feitas no local de pesquisa evidenciam a existência de um relacionamento ao nível da base: primeiro, entre as igrejas Zione e as instituições e entidades estatais instaladas no distrito. Depois, entre as igrejas Zione e as autoridades tradicionais.

No que toca às relações com as autoridades tradicionais regista-se uma certa ambiguidade no relacionamento entre ambas, pois alguns líderes das igrejas Zione assumem um certo distanciamento na ligação com os chefes tradicionais. Não encontramos uma explicação clara para este distanciamento mas, as circunstâncias locais sugerem que esta situação deve-se sobretudo à característica fundamental das igrejas Zione - evocação do Espírito Santo através do (mimoia) e não os espíritos dos antepassados (pswikwembu).

Os líderes tradicionais funcionam muitas vezes com os Nhangas, uma vez que a legitimação do poder político é feita pelo poder ancestral e neste caso, cabe ao Nhangá uma posição relevante no processo – o Nhangá é que interpreta a vontade dos espíritos junto à corte e, como tal funciona como elo de ligação entre os vivos e os mortos.[16] Nesta lógica, o profeta Zione não tem espaço, pois não encarna os pswikwembu (espíritos dos antepassados). Porém, certos líderes tradicionais por nós contactados[17] admitem a existência de uma ligação com os profetas Zione alegando que ultimamente, não se tem notado grande diferença entre os Ziones e os Nhangas, porque segundo estes, os Ziones fazem o trabalho que normalmente era oficiado pelos Nhangas. Na verdade, esta situação evidencia a ambivalência do papel das igrejas Zione no seu relacionamento com as autoridades tradicionais, visto que dentro dos critérios tradicionais de legitimação do poder (ku phalha), as igrejas Zione não têm espaço, mas hoje são referidas como instituições que oficiam essas cerimónias. Em nossa opinião, esta situação liga-se à forte capacidade que as igrejas Zione têm em incorporar elementos da tradição religiosa local no seu repertório.

No distrito de Homoine, a ligação com as instituições e entidades estatais é determinada sobretudo pelo envolvimento das igrejas Zione filiadas no Conselho Cristão de Moçambique (CCM) em diversas acções de carácter social. Todavia, a maior parte das igrejas Zione são excluídas, pois nem estão filiadas no CCM e nem se encontram oficialmente registadas, sem se esquecer a sua marginalização generalizada.

Américo Casimiro, Secretário Distrital da Frelimo em Homoine, refere que as igrejas Zione têm participado nos eventos sociais quando solicitados, e considera ser importante o seu envolvimento social na vida da comunidade. Cita como exemplo, o envolvimento destas igrejas nos programas de sensibilização e combate ao HIV/SIDA.

“... aqui no distrito temos dificuldades de vária ordem, ainda não temos meios de comunicação eficientes que nos permitam por exemplo, alargar a sensibilização da comunidade sobre a doença do século, o HIV/SIDA, daí que temos envolvido as igrejas Zione e não só na disseminação de informação sobre este mal. Pedimos aos líderes destas igrejas para que passem a mensagem sobre o HIV/SIDA nas suas paróquias...”[18]

Apesar da sua participação na busca de soluções para os problemas que afectam a comunidade a nível local, as igrejas Zione não se envolvem directamente com entidades políticas.

De acordo com Agadjanian[19], elas como instituições, perderam o ímpeto político do período colonial, em que chegaram a ser vistas como potenciais mobilizadores das massas contra o regime.

De facto, a situação de exclusão a que estão sujeitas as igrejas Zione, sobretudo por causa da condição social dos seus membros, contribui para a marginalização das suas actividades. Todavia, consideramos que do mesmo modo que se envolvem na sensibilização sobre os problemas como o HIV – SIDA, elas também podem apesar da sua heterogeneidade se tornar numa força social e política através do seu envolvimento em actividades que Cruz e Silva (2002) chama de consciencialização sobre os direitos e deveres dos cidadãos.

III. AS IGREJAS ZIONE E A COOPERAÇÃO COMUNITÁRIA

Agadjanian[20] considera que as igrejas Zione são igrejas da comunidade, pois estão localizadas dentro da comunidade e são parte integrante da vida social da mesma. Esse lugar na comunidade é determinado sobretudo pelas curas, ou seja pela capacidade que as igrejas Zione têm em oferecer uma solução “definitiva” ou explicativa sobre a aflição de qualquer pessoa. Muitas das conversões às igrejas Zione, dão-se no contexto da busca de solução para certos tipos de aflições quer sejam do fórum físico quer psicossocial.

Normalmente, a aflição é atribuída a espíritos revoltados (mipfukwa). Estes são de vários tipos, mas na essência são de pessoas mortas por um antepassado da pessoa aflita.[21] Assim, eles causam o mal para poder exigir retribuições em bens ou na pessoa de uma mulher jovem.

As relações entre as igrejas Zione e a comunidade local são determinadas por aquilo que Agadjanian[22] intitula de estruturação e reestruturação das relações sociais, pois considera que ao nível da comunidade as igrejas Zione formam um eixo importante de estruturação social, expresso na sua organização e na solidariedade entre os membros. Logo, a participação nas igrejas Zione cria um novo tipo de laços sociais, reorganizando o espaço social comunitário. Porém, muitos dos nossos entrevistados criticam a maneira como as igrejas Zione veiculam e disseminam as suas respostas às causas de infortúnio e infelicidade, pois consideram que tais respostas incluem tanto elementos de coesão como de conflito.

“... elas têm que curar sem indicar as pessoas causadoras do infortúnio porque isso, levanta atritos no seio da família ou da comunidade em geral” [23]

Os Ziones procuram afastar o mal através de orações. O Espírito Santo, sendo mais forte que os maus espíritos, debela a aflição do indivíduo em causa. Porém, às vezes o mal é antes investigado pelos profetas tomados pelo Espírito Santo.

A adesão ao tratamento das igrejas Zione, por vezes cria laços de dependência muito fortes, de tal modo que numa situação de doença, mesmo recorrendo ao tratamento da medicina convencional, a pessoa só se sente completamente curada depois de uma consulta feita às igrejas Zione. Isto, evidencia o papel regulador que as crenças e tradições religiosas assumem dentro da cosmologia e filosofia de vida das populações, pois sempre que sentem dificuldades nas suas vidas recorrem a estes para se restabelecerem.

Outra prática que é muito comum no seio da comunidade local, liga-se às consultas por ocasião da realização de qualquer cerimónia. Por exemplo, sempre que há um casamento ou outro evento de relevo numa família, recorre-se às consultas nas igrejas Zione para saber se a cerimónia se vai realizar de acordo com o previsto e se será aceite pelos antepassados da família em causa.[24] Portanto, a integração de elementos da

religião autóctone como o “ diálogo com os espíritos antepassados” procurando interpretar a sua vontade no ritual das igrejas Zione, fortificou-as e conferiu-lhes uma dimensão considerável no conjunto das crenças e tradições religiosas da comunidade local.

III.1. Os Mecanismos Comunitários de Cooperação e Inter ajuda

As comunidades da região Sul de Moçambique sempre desenvolveram mecanismos comunitários para responder às situações adversas (fome, guerra, seca, etc.), visando garantir um certo equilíbrio na produção e na distribuição de bens para os seus membros.

Face à crise dos anos 80 e 90, sobretudo provocada pela guerra, dificuldades económicas e incapacidade de resposta por parte do Estado, a população relançou os mecanismos próprios de gestão social, através do apelo às redes de relações sociais, em particular as ligadas ao parentesco, religião e à vizinhança.[25]

Medeiros[26] descreve vários princípios diferentes sobre a cooperação comunitária. Ele fala de mapfunani, ntsima e kuthekela.

Mapfunani trata, resumidamente, de uma forma de cooperação agrícola caracterizada pela ajuda mútua entre familiares ou vizinhos de acordo com as idades, onde alternam as actividades agrícolas na machamba de cada membro, podendo este interrompe-la se julgar que já não necessita dela.

Ntsima visa a aceleração do trabalho dos membros da comunidade, e normalmente a participação é voluntária. Consiste na realização de actividades como a construção de casas, currais, celeiros, etc. e no fim da jornada é servida uma refeição acompanhada de bebidas de fabrico local aos participantes.

Kuthekela é o princípio adoptado pelas populações agrárias locais para se protegerem de qualquer crise. Quando há seca, fome e ou guerra numa região, as pessoas deslocam-se em grupo como individualmente, para outras onde a situação é relativamente melhor, à procura de bens de primeira necessidade. Esta forma pode assumir três outras componentes de cooperação: kuponela (mendigar); kurimela (trabalho em troca de comida) e Kuxava (troca ou pagamento em dinheiro). Trata-se então de diferentes formas de cooperação, que, por sua vez, estão relacionadas com diferentes instituições na gestão ou minoração das dificuldades da comunidade local.

Entendemos por cooperação e solidariedade comunitárias a forma como as comunidades garantem a reprodução social e económica através do desenvolvimento de mecanismos de reciprocidade e redes de solidariedade entre os seus membros. É neste contexto, que algumas das formas de cooperação comunitária acima descritas, são correntes no seio das igrejas Zione, apesar de pequenas alterações.

A prática do ntsima, para além de assumir a forma de ajuda mútua na construção de casas, currais, etc. no contexto do conflito entre a Frelimo e a Renamo aparece na forma de concessão de um espaço (talhão) e apoio em material local de construção a um

elemento crente de certa igreja Zione, cuja zona de origem tivesse sido afectada pela guerra.

Helena Domingos, 37 anos, natural de Fanha-Fanha refere que quando a sua região foi atingida pela guerra refugiou-se em casa de familiares na vila sede de Homoíne. Quando começou a rezar na igreja Zione conseguiu um terreno e macuti (palhas de palmeira usadas na cobertura de edifícios) oferecidos por “irmãos da igreja”.

A forma kuthekela manifesta-se sobretudo nas suas variantes kutxintxa (troca) ou kuxava (compra), que resulta das trocas comerciais entre a população. Todavia, é difícil avaliar o grau de implementação desta forma com base no trabalho de campo que realizamos. Mesmo assim, alguns crentes por nós contactados sugerem a presença desta variante entre eles, que se caracteriza pela troca directa de produtos numa situação de escassez ou falta numa determinada zona, muito embora esta situação não seja uma característica particular destas congregações.

O lugar das igrejas Zione na cooperação comunitária é também determinado pelo alto sentido de solidariedade entre os seus membros. Durante a guerra, esta solidariedade manifestava-se pelo acolhimento de grupos vulneráveis, sobretudo crianças e velhos, parentes de qualquer membro da igreja.

O conflito entre a Frelimo e a Renamo saldou-se numa série de massacres e raptos de civis, o que provocou a separação de muitas famílias. Muitas crianças e velhos tiveram que ser “acolhidos” por novas famílias, devido a situação de abandono que lhes foi imposta pela guerra.

João Cumbane, 58 anos de idade, pastor na Igreja Zione União Sião Apostólica de Moçambique conta que acolheu uma criança de 11 anos cujos pais perderam a vida no dia do massacre de Homoíne.

“... esse casal era membro da nossa igreja, quando desapareceu ofereci-me para ficar com o Ernesto, agora ele está crescido e já trabalha mas, ainda vive comigo.”[27]

Aqui, as crenças e tradições religiosas desempenham um papel chave na maneira como a criança abandonada é inserida na nova comunidade, particularmente nos cultos de apresentação da criança em causa aos espíritos da família acolhedora. Sobre este aspecto, Lambo Zitha refere o seguinte:

“ rezamos para informar os espíritos da presença de um novo elemento na família para que o possam proteger e haver harmonia com os espíritos dele.”

Apesar de uma certa contradição, pois os profetas Ziones assumem que não encarnam espíritos dos antepassados, admitem oficializar cerimónias do género segundo dizem “guiados pelo espírito santo” porque se trata de ajuda a um “irmão”.

O sentimento de solidariedade nas igrejas Zione é mais notável na situação de morte, pois a maior parte dos seus membros são pessoas com uma condição social e económica muito baixa. Assim, criam-se nas igrejas Zione sociedades funerárias com objectivo de fornecer apoio financeiro, emocional e espiritual às famílias atingidas pela morte. Normalmente, a congregação é que se encarrega pelas despesas fúnebres como

aquisição da urna, isto no meio urbano e em contribuições na forma de produtos alimentares no meio rural.

A solidariedade nas Igrejas Zione, por vezes torna-se num elemento de atracção de novos crentes. O nosso trabalho de campo mostrou que as pessoas com poucas posses, e por vezes sem um emprego formal aderem facilmente às igrejas Zione atraídos pelo amparo que elas oferecem em situações de crise.

Embora a componente material seja importante, a solidariedade das igrejas Zione não se limita apenas a este aspecto. Ela é muito mais forte nos esforços psicossociais que fazem para a reconstituição dos indivíduos da crise sofrida (recriação da auto-estima), onde destacam-se os rituais de purificação como forma de recuperar as pessoas dos traumas vividos durante o conflito armado. É assim que pessoas directamente envolvidas (militares) e vulneráveis à violência da guerra (crianças, velhos e mulheres) aderem com muita facilidade aos rituais de purificação destas igrejas como forma de se libertarem dos traumas vividos durante o conflito.[28] O desenvolvimento de redes de solidariedade e cooperação como alternativa de sobrevivência é uma prática enraizada em Moçambique, pois a situação de exclusão social e económica é um sentimento generalizado nos diversos segmentos da sociedade.

IV. CONCLUSÕES

Apesar de em certos casos as igrejas Zione serem acusadas de provocar conflitos sociais, a adesão a estas igrejas alarga ou cria novos laços de cooperação e solidariedade comunitárias, visto que actualmente, elas não se limitam apenas aos aspectos religiosos. Envolvem-se também na busca de soluções para as preocupações da sociedade. Esta busca é simbolizada pelas curas “milagrosas” e pelos altos níveis de cooperação e solidariedade entre os seus membros. No contexto da guerra esta solidariedade estendeu-se às pessoas vulneráveis à violência da guerra e caracterizou-se pelo apoio prestado na minimização dos efeitos do conflito, através do desenvolvimento de formas comunitárias de cooperação e solidariedade, produção de recursos materiais e de estratégias psicossociais como forma de restabelecer o curso normal da vida.

A maior incidência do índice de pobreza nas zonas rurais gerada sobretudo pela deficiente presença do Estado na canalização do bem estar social e económico e pelo sentimento de exclusão patente em muitos segmentos da sociedade, cria espaço para a emergência e desenvolvimento daquilo que Cruz e Silva (2002) chama de movimentos de solidariedade comunitária baseadas em várias identidades, desde a vizinhança, parentesco, religião e outras.

As igrejas Zione assumem um papel chave neste processo pois são capazes de criar alternativas de sobrevivência para a comunidade, apesar de não apresentarem um plano homogéneo em relação às actividades que exercem, pois as vezes convergem e divergem na procura de soluções para os problemas da população. Esta situação e a forte capacidade que as igrejas Zione têm em integrar cultos da tradição local nos seus rituais, conferiu-lhes um papel chave em várias cerimónias como a reintegração das vítimas da guerra, rituais para a recuperação da auto-estima, libertação dos traumas da guerra e no desenvolvimento de processos alternativos de sobrevivência em resposta à

exclusão imposta pelas dificuldades de assistência por parte do Estado. A proliferação de igrejas Zione no mesmo espaço geográfico estimula a concorrência entre elas e alarga o campo de acção na busca de soluções para os problemas dos seus membros.

Referências Bibliográficas

. AGADJANIAN, V. 1999. “As Igrejas Ziones no espaço sociocultural de Moçambique urbano (1980-1990)”. In: Lusotopie, pp.415-423.

COMAROFF, J. 1995. *Body of power, spirit of resistance*. Chicago: Chicago University Press.

CRUZ E SILVA, T. 2001. “Entre a exclusão social e o exercício da cidadania: Igrejas Zione do Bairro Luís Cabral, na Cidade de Maputo”. In: Estudos Moçambicanos N.º 19. – Maputo: Centro de Estudos Africanos. Pp. 61-88.

CRUZ E SILVA, T. 2002a. “Continuidades e rupturas na definição da normalidade religiosa em Moçambique e consequentes processos de exclusão social: o caso do movimento Zione na cidade de Maputo (1980-1990)”. In: Portuguese/African Encounters Congress. Brown University – providence, 25-28 April, 2002.

CRUZ E SILVA, T. 2002b. “Determinantes globais e locais na emergência de solidariedade sociais: o caso do sector informal nas áreas peri-urbanas de Maputo”. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, n.º 63. Pp.75-89.

CRUZ E SILVA, T. 2003. “As redes de solidariedade como intervenientes na resolução de litígios: o caso da Mafalala”. In: Boaventura de Sousa Santos, João Carlos Trindade. *Conflito e transformação social: uma paisagem das justiças em Moçambique*. – Porto: Afrontamento. Pp. 427-449

Departamento de História – UEM. 1993. *História de Moçambique, vol. 3: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961*. – Maputo: Departamento de História.

FIGUEIRA, M. S/d. *Seitas Religiosas em Moçambique*. – Lourenço Marques: IICT. (Mimeo)

FRANCISCO, A. 2003. “Reestruturação económica e do desenvolvimento de Moçambique”. IN: Boaventura de Sousa Santos; João C. Trindade. *Conflito e transformação social: uma paisagem das justiças globais e locais na emergência de solidariedade sociais*. – Porto: Afrontamento. Pp. 141-176.

FREITAS, A. H. I. 1957. *Seitas religiosas gentílicas. Província de Moçambique. Vol. 2*. Lourenço Marques.

FRY, P. 1998. “Protestantismo, tradição e modernidade em Manica”. In: V Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais. Maputo, 1 – 5 de Setembro de 1998.

HELGESSION, A. 1994. *Church, state and people in Mozambique*. – Uppsala: Uppsala University Press.

HONWANA, A. M. 1993. As instituições Religiosas Tradicionais e a reintegração social dos grupos vulneráveis. – Maputo: ARPAC. (Mimeo)

HONWANA, A. 2002. Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós – Guerra no Sul de Moçambique. – Maputo: Promédia.

HONWANA, A. M. 1998. Spiritual agency & self-renewal in Southern Mozambique. – London: Studies University of London. Thesis submitted for the degree of doctor of philosophy in social anthropology in School of Oriental and African Studies.

LALÁ, A. ; OSTHEIMER, A. 2003. Como limpar as nódoas do processo democrático?: os desafios da transição e democratização em Moçambique (1999 - 2003). Maputo: Konrad-Adeneuer Stiftung.

MANGHEZI, A. 1983. “Ku thekhela: estratégia de sobrevivência contra a fome no Sul de Moçambique”. In: Estudos Moçambicanos, n.º 4. Maputo: CEA. Pp.19-49.

MEDEIROS, E. 1987. Formas de ajuda mútua entre familiares e vizinhos nas comunidades camponesas de Moçambique com particular incidência na área tsonga. – Maputo: ISP. (Mimeo)

MORIER-GENOUD, E. 2001. “Arquivos, historiografia e Igrejas Envagélicas em Moçambique.” In: Estudos Moçambicanos, N.º 19. –Maputo: Centro de Estudos Africanos. Pp.137-154.

[1] A estratégia implementada pelo governo da Frelimo no pós-independência foi incapaz de resolver os problemas sociais e económicos da população. As carências sociais e económicas das populações agravaram-se ao longo dos anos 80 e durante o a década 90, devido a situação de guerra e os problemas do pós - conflito, como a reintegração de deslocados e desmolidados. O governo via-se assim confrontado com uma situação de crescentes constrangimentos sociais e económicos, que a par das políticas internacionais o levaram a optar por novas estratégias (Francisco, 2003:30).

[2] O termo Zione provém da Cidade Zione (Zion City), Illinois, nos Estados Unidos, onde a Christian Apostolic Catholic Church in Zion, igreja que deu início a esta religião foi fundada por John Alexander Dowie. Expandiu-se para a África Subsahariana nos inícios do século XX , onde distinguiam-se sobretudo pelo exorcismo médico religioso (Comaroff 1985:177).

[3] Ver Mourier - Genoud 2002:141 - 142

[4] Helgesson 1994:59

[5] Cruz e Silva 2002:63

[6] Mourier-Genoud 2002:141-142

[7] Cruz e Silva 2002:66

[8] Normalmente, as pessoas com índice de pobreza elevado filiam-se nas igrejas Zione a busca de cura, portanto uma aflicção somática, mas também a procura de solução para um problema social e económico, como por exemplo, a busca de emprego, sucesso nos negócios, desintegração familiar e outras.

[9] Sicobele era membro da Missão Metodista Americana em Morrumbene (Departamento de História 1993:18)

[10] Rafael Jassone era Pastor da "Holy Catholic Apostolic Church in Zione", com jurisdição no distrito de Jangamo, Província de Inhambane (Freitas, 1957:27).

[11] Freitas 1957:27 - 28

[12] Idem

[13] De acordo com o oficial dos Registos e notariados as igrejas Zione de Chindjinguir reactivaram-se nos inícios da década oitenta, depois de um certo interregno que se verificou nos primeiros anos do pós independência, pois muitas delas tinham “desaparecido”.

[14] A localidade de Chindjinguir era uma das mais seguras ao nível do distrito pois tinha uma unidade dos Antigos Combatentes, por outro lado, nos primeiros anos da independência foi lançado um projecto de irrigação agrícola em apoio aos antigos Combatentes. Estes factores tornaram-na num principal centro de refúgio para as populações do interior do distrito.

[15] De acordo com os dados do censo de 1997, os Zione totalizam cerca de 17,5% na zona Sul de Moçambique.

[16] Honwana 1998:28

[17] Entrevista com Ricardo Manhique, actual líder tradicional ao nível da vila sede de Homoíne - Manhica

[18] Entrevista com Américo Casimiro, Secretário Distrital da Frelimo em Homoíne.

[19] Agadjanian 1999:422

[20] Agadjanian 1999:416

[21] Fry 1998:6

[22] Idem

[23] Entrevista com Albertina João, Comandante Distrital da Polícia.

[24] Idem

[25] Cruz e Silva 2000:18

[26] Medeiros 1987:2

[27] Entrevista com João Cumbane

[28] Honwana 1998:44